



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 25/05/2015

Caderno/Link: A16

Assunto: Entrevista da 2ª

Eduardo Frazzetta/VEP/Agência

O presidente da Monsanto no Brasil, Rodrigo Santos

RICARDO NOTO
EDITOR-ASSISTENTE DE "COTIDIANO"

O presidente da Monsanto no Brasil aposta que as empresas de biotecnologia se dedicarão nos próximos anos a criar plantas menos sensíveis às variações do clima, fiando com que o aquecimento global não impeça o aumento da produção de comida.

Nesta entrevista à **Folha**, Rodrigo Santos defende que o agronegócio tem de melhorar a sua comunicação: "O setor é muito desconhecido por quem está na Vila Madalena ou em Moema". Sem biotecnologia, não haverá como produzir mais alimentos sem aumentar a área plantada, diz.

Segundo ele, é natural que a Monsanto seja alvo tradicional de grupos como o MST. "Alguns movimentos se opõem ao agronegócio, à tecnologia no campo. E nós somos uma empresa que representa tudo isso", afirma.

FOLHA - Em uma entrevista recente à **Folha**, o presidente da Empresa disse estar preocupado com a grande concentração no setor de biotecnologia.

Rodrigo Santos - A nossa percepção é que o movimento hoje é o contrário. Você tem vários produtos tanto de empresas privadas, como a DuPont, Syngenta, Bayer, quanto do setor público, como a Embrapa. No exterior, há também muitas universidades pesquisando. Além do milho e da soja, há muitas novas iniciativas. A beterraba na Índia, o mamão-papaya no Havaí. No Brasil, agora temos eucalipto transgênico.

A imagem dos transgênicos tem melhorado? Até porque, quando eu não, hoje quase 90% do milho e da soja plantados no Brasil são transgênicos... Quando você fala na rua que é presidente da Monsanto, sente mudança na reação?

Sim, houve evolução. Era natural que, no começo, houvesse certa incerteza ou insegurança de quem não conhecia tecnicamente ou cientificamente o tema. Explicar biotecnologia não é tão simples.

Por muito tempo, e até hoje, grupos radicais antitransgênicos tomaram a Monsanto como metonímia do setor de biotecnologia inteiro.

Esse foi o maior desafio. Talvez a gente não tivesse essa percepção. Os cientistas da Monsanto, quando começaram a trabalhar com transgênicos, pensaram "você, técnico aqui algo bom". Mas não tivemos a percepção do desafio de comunicação que havia aí, e talvez não tenhamos ido muito bem nesse campo.

Mas o problema ainda existe, não? Eu até trouxe aqui uma foto do João Pedro Stedile [líder do MST], no ano passado. "A linguagem vai voltar a se assustar com nós quando voltarmos a fazer ocupação com 2.000 famílias. A linguagem vai se assustar quando nós ocuparmos a Monsanto, quando ocuparmos usina. Ai vão nos respeitar."

A gente se dedica muito a entender isso. Acho que o problema é até anterior. Um dos desafios que temos no Brasil é que o agronegócio é muito desconhecido por quem está na Vila Madalena ou em Moema, nas cidades. No colegial, a gente sempre ouviu falar na agricultura na linha "ah, é uma atividade primária".

A lacuna de percepção, porém, ainda existe. Se atribuímos coisas como o desmatamento ao agronegócio. As pessoas sempre se surpreendem em saber que, no Brasil, 60% da cobertura vegetal

ENTREVISTA RODRIGO SANTOS

Biotecnologia trará soluções contra a mudança climática

PARA PRESIDENTE DA MONSANTO NO BRASIL, PAPEL DO AGRONEGÓCIO NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NÃO É RECONHECIDO POR QUEM MORA NAS GRANDES CIDADES; SETOR DEVERIA SE COMUNICAR MELHOR, DIZ

“Um dos desafios que temos no Brasil é que o agronegócio é muito desconhecido por quem está na Vila Madalena ou em Moema, nas cidades. No colegial, a gente sempre ouviu falar na agricultura na linha “ah, é uma atividade primária”

“Alguns movimentos se opõem ao agronegócio, à tecnologia no campo. E nós somos uma empresa que representa e é muito associada a tudo isso

nativa está preservada.

Alguns movimentos se opõem ao agronegócio, à tecnologia no campo. E nós somos uma empresa que representa e é muito associada a tudo isso. — a Monsanto só trabalha com agricultura.

O agronegócio é 25% do PIB, mais de 25% dos empregos. A atividade poderia ter uma percepção muito melhor na sociedade em geral. A gente precisa de um trabalho de comunicação muito melhor.

O Roberto Rodrigues [ex-ministro da Agricultura] fala muito da necessidade de mostrar que a biotecnologia é importante para a segurança alimentar. Quer dizer, o sujeito da cidade muitas vezes não associa a comida que compra no supermercado ao agronegócio.

Sim. Eu e o Roberto Rodrigues fomos Esalq, em Piracicaba. Eu faço 20 anos de formado em outubro. Ele é da turma de 1965. Todas as vezes que você reúne um grupo de

pessoas do agronegócio, surge esta conclusão: o mundo tem o desafio de aumentar a produção de alimentos sem aumentar a área plantada significativamente. A resposta passa pela tecnologia.

Quando você pensa na sua época na Esalq, nos seus colegas de turma, de república... Aliás, você morava em república? Como chamava?

“UTI”. [Risos.]

Bom, comparando com o pessoal da turma ou da UTI, o destino dos formandos atuais será muito diferente? Sim. Cada vez mais, o cara que quer trabalhar com agricultura, que vai estudar na Esalq, precisa saber que vai lidar com biotecnologia e com agricultura de precisão. Essa é a nossa plataforma futura: trazer o “big data” para a agricultura. Quando eu estive na Esalq, o que se fazia de agricultura de precisão era o mínimo. Agora há muitos alunos se dedicando a isso.

“Antigamente, a gente dava recomendações muito gerais. “No cerrado você faz assim; no Sul, de tal forma.” Com o tempo, fomos reduzindo: diretrizes para o oeste da Bahia, para o sudoeste goiano. Daqui um tempo vai ser assim: “Nestes cinco metros quadrados da fazenda, você planta esta variedade e põe tal adubação; naqueles outros cinco, mais férteis, você aumenta a densidade das plantas”

É meio impressionante. Todo mundo com quem a gente fala, em quase todos os setores, está fascinado com o impacto das ferramentas de análise de dados na produtividade.

Sim. Um agricultor, para plantar soja ou milho, toma de 40 a 50 decisões por ano. Em que dia ele vai plantar, qual fertilizante vai usar, qual fungicida. O grande ideal é contribuir para que essas decisões sejam baseadas em dados, em algoritmos, em análises estatísticas, aumentando muito a produtividade.

Antigamente, a gente dava recomendações muito gerais. “No cerrado você faz assim; no Sul, de tal forma.” Com o tempo, fomos reduzindo: diretrizes para o oeste da Bahia, para o sudoeste goiano. Daqui um tempo vai ser assim: “Nestes cinco metros quadrados da fazenda, você planta esta variedade e põe tal adubação; naqueles outros cinco, mais férteis, você aumenta a densidade das plantas”.

A gente tem descoberto produtividades elevadíssimas em determinados pedaços de solo. O desafio é levar tudo para o mesmo nível. Para isso, você precisa usar os dados. As decisões podem ser até automatizadas, com sensores. Compramos uma empresa de ciência da computação na Califórnia porque acreditamos que esse é o futuro. O “big data” vai transformar o mundo.

Além do “big data”, se eu voltar aqui em 15 anos e perguntar “e aí, o que tem de novo”, qual seria sua aposta?

Eu diria duas coisas. Acho que a importância da biotecnologia perante as mudanças climáticas vai ficar cada vez mais clara. Podemos desenvolver plantas com maior tolerância à seca, maior tolerância a variações de temperatura, germinação mesmo em condições não ideais.

A outra tendência é agregar valor para o consumidor final. O arroz dourado é um dos maiores exemplos [geneticamente modificado para ser enriquecido com vitamina A]. Isso vai ajudar até na aceitação da biotecnologia. No começo, o impacto era grande no produtor, mas não era tão percebido pela sociedade. Na Monsanto, temos mais de 400 pessoas no Brasil só dedicadas à pesquisa.

Eu queria falar também sobre a questão da rotulagem de alimentos transgênicos.

Para nós, faz todo sentido o consumidor ter informação. A gente tem muita segurança sobre os transgênicos, é completamente tranquilo.

Muita gente no agronegócio defende que faria mais sentido que os rótulos tratassem da ausência de transgênicos. Se alguém faz um produto livre de transgênicos, não o impede propagandear como quiser.

É o mais fácil. Isso é muito discutido nos EUA. Em termos de custo para as empresas, é o caminho mais simples.